

ANTÍGONA

SÓFOCLES

## ANTÍGONE - SÓFOCLES

Tradução: Guilherme de Almeida

ANTÍGONE - Ó meu próprio sangue, Ismene, irmã querida,  
que outros males Zeus, da herança infanda de Édipo,  
há de nos mandar enquanto formos vivas?

Não existe dor, maldição, ignomínia,

ou desonra, que eu não tenha visto ainda  
figurar no rol dos teus e dos meus males.

E esse novo edito agora proclamado  
pelo chefe contra esta cidade inteira?

Não ouviste nada? ou ignoras que bem pode  
a amigos ferir o mal feito a inimigos?

ISMENE - Nada ouvi dizer, Antígone, dos nossos,

que me seja alegre ou triste, desde o dia

em que os nossos dois irmãos tombaram mortos  
de um só duro golpe, e pelas mãos um do outro.

A não ser que as hostes de Argos, esta noite  
que passou, partiram, nada sei que a mim  
torne mais feliz, ou infeliz, do que era.

ANTÍGONE - Bem sei; e por isso foi que te chamei;  
ninguém pode ouvir o que a ti só direi.

ISMENE - Mas o que há? De certo alguma coisa grave?



ANTÍGONE - Pois não manda Créon dar à sepultura um de nossos dois irmãos, negando-a ao outro? A Étócles, sim, segundo ordena o rito, fez cobrir de terra, a fim de ter repouso e honra entre os que estão no mundo subterrâneo. Quanto a Polínicos, pobre morto, nem sepultura, nem sequer lamentações: ficará seu corpo ao sol apodrecendo, insepulto, até que as aves nele encontrem um tesouro doce para a sua fome. É o que a nós ordena o nobre Créon: sim, a nós duas, vós? até a mim também! E, o que é mais, vai vir a proclamar aqui, ele mesmo, o edito; é tão sério que a pena implacavelmente imposta ao transgressor é a lapidação em plena praça pública. Eis o que há. Se és digna, prova sem demora não ter sangue nobre em coração ignóbil.

ISMENE - Ah! pobre de mim! Já que assim é, que posso eu fazer por ti, que valha alguma coisa?

ANTÍGONE - Vê se poderás ajudar-me a lutar.

ISMENE - Mas em que é que pensas? que é que tu pretendes?

ANTÍGONE - Transportar por minha e tua mão o morto.

ISMENE - Vais violar, então, o edito proibitório?

ANTÍGONE - Queiras tu, ou não, é meu e é teu irmão. Não, ninguém dirá jamais que o reneguei.

ISMENE - Apesar da lei de Créon, infeliz?

ANTÍGONE - Não há de ele, nunca, afastar-me dos meus.

ISMENE - Ai de nós, irmã! Pensa no nosso pai que morreu na infâmia e no ódio, denunciando ele mesmo os próprios crimes, e, afinal, com as próprias mãos arrancando os dois olhos. Pensa na que foi para ele mãe e esposa e - que horror! - num laço estrangulou a vida.

E nos nossos dois irmãos, terceiro golpe, que, matando-se um ao outro ao mesmo tempo, encontraram juntos um mesmo destino.

Pensa, enfim, em nós, nós duas sós, agora, que terrível fim teremos se tentarmos, contra a lei, zombar da força de quem manda. Não nos esqueçamos: somos só mulheres, incapazes, pois, de competir com homens; e, além disso, estamos presas aos mais fortes e ao capricho de ordens cada qual mais dura.

Quanto a mim, rogando aos mortos sob a terra, peço-lhes perdão por ser assim forçada ao respeito às leis ditadas por quem pode. É supérfluo ir contra as nossas próprias forças.

ANTÍGONE - Nada mais te peço; e mesmo que quisesses ajudar-me, um dia, eu não o aceitaria.

Faze o que quiseres! Eu o enterrarei sem ninguém. Será belo morrer por isso; repousar, amada, ao lado de quem amo, por tão santo crime. E se é mais longo o tempo em que hei de agradecer aos mortos, do que aos vivos, lá descansarei. E, quanto a ti, despreza, se te apraz, aquilo que é mais caro aos deuses.

ISMENE - Não é que despreze: é que não sou capaz de ir de encontro à lei que rege esta cidade.

ANTÍGONE - Usa tais pretextos! Eu vou dar sozinha sepultura digna ao meu irmão dileto.

ISMENE - Quanto eu temo, ó incauta, pela tua sorte! ANTÍGONE - Deixa a minha sorte: teme pela tua.

ISMENE - Mas, de qualquer modo, esconde o teu intuito, guarda-o bem oculto: o mesmo farei eu.

ANTÍGONE - Ao contrário: fala, conta a todo o mundo! Se o esconderes, mais ainda eu hei de odiar-te!

ISMENE - Queima-te o que faz meu coração gelar.

ANTÍGONE - Mas assim agrado a quem devo agradar.

25

30

35

40

45

50

60

65

70

75

80

85



ISMENE - Se fosse possível: queres o impossível. 90

ANTÍGONE - Quando eu não puder, morta, desistirei.

ISMENE - Antes é que tu devias desistir.

ANTÍGONE - Pensa assim: terás acrescentado ao meu ódio eterno desse morto, e com justiça.

Deixa, a mim e à minha insensatez, sozinhas,

arriscar aquilo que receias tanto.

Nada iguala a glória de uma bela morte.

ISMENE - Vai, se queres; mas, embora louca, sabe que te querem bem os que te são queridos.

(*Saem*)

CORO - Raio de sol, dentre todos o mais belo fanal 100

que em Tebas das sete portas

já se acendeu; ó ouro

do olho do dia

enfim aberto para as águas do Dirce

e para o Argivo do broquel branco e do arnês inteiriço

que ao ver-te fincou as esporas

da fuga precipitada.

Esse que Polinices contra nós

com ambígia audácia conduziã

- e, estridido como a água,

sobre a terra abateu-se,

asas cobertas de neve,

armas inumeráveis

e elmos de crineira eqüina.

Com o bico adunco das lanças sedentas contra a cidadela,

já rondava as sete portas;

mas foi-se sem ter provado

o gosto do nosso sangue

e antes que os torredes que coroam o burgo

ardessem com as tochas de Hefesto. Sobre os seus ombros

rugira a fúria de Ares ensinando

que é invencível o dragão.

Zeus às bocas cheias de jactância 125

tem horror. E quando os viu

jorrar em inimigo jacto

na pompa vã das armas de ouro,

do alto brandiu o raio

que nas ameias prostrou aquele

que já cantava vitória.

Ei-lo que despenca e tomba no chão retumbante,

tocha na mão, aquele que, delirante,

soprava contra a cidade

rajadas de vento pérfido.

Foi-lhe contrária a sorte.

Outros, de outras feições, já castigara o grande Ares,

nosso aliado fiel. 140

Sete capitães em frente às sete portas,

postados, igual contra igual, entregaram

ao Zeus da vitória as éreas armaduras;

menos dois coitados que, de um mesmo pai

e mesma mãe nascidos, um contra o outro,

com lanças firmes, ambás vitoriosas,

encontraram juntos morte igual.

Mas a do nome alfissonante, a Vitória,

veio ao apelo da Tebas de muitos carros.

Acabada a guerra,

resta agora esquecê-la. 150

Vamos aos templos dos nossos deuses

para as danças noturnas: e, abalando o chão de Tebas,

marche à frente Baco!

Mas eis aí vem o rei desta nação:

Créon de Meneceu,

por desígnio recente dos deuses

feito agora nosso chefe.

Que intenção será a dele mandando

a nós, velhos, uma ordem igual:

a de estarmos agora aqui todos? 160

CRÉON - Varões, eis que, após tormenta bruta, os deuses

à cidade deram nova segurança.

E a vós outros, dentre tantos escolhidos,

para aqui fiz vir, sabendo o quanto a Laio 165



Trazem-te presa em flagrante  
quando, insensata e desobediente,  
transgredias as ordens reais!

GUARDA - Esta é que é a culpada. Foi pilhada quando  
sepultava o morto. Mas, onde está Créon?

CORO - Ei-lo que aí vem, e que chega a propósito.

(*Entra CRÉON*)

CRÉON - Afinal, o que há? Por que chego a propósito?

GUARDA - Ninguém pode, ó Rei, garantir qualquer coisa:  
vem um pensamento e desmente o primeiro.  
Nunca imaginei voltar de novo aqui,  
tanto me assustaram tuas ameaças.

Pois que o melhor gozo é o que menos se espera,  
eu, infiel ao meu juramento, eis-me, pois,  
novamente aqui, a trazer-te esta moça  
que preendi cumprindo o rito funerário.  
Desta vez, não fui sorteado por acaso:  
dependeu de mim a feliz ocasião.

Aqui a tens, ó Rei, entregue às tuas mãos.  
Interroga-a, julga-a. E, quanto a mim, suponho,  
justo é que me livre desta enrascadela.

CRÉON - Vens com ela, sim: mas como, onde a prendeste?

GUARDA - Dando sepultura àquele morto - e é só.

CRÉON - Sabes o que dizes? E é verdade mesmo?

GUARDA - Vi que ela enterrava o morto proibido  
de ser enterrado. Está bem claro, ou não?

CRÉON - Como foi que a viste e como a surpreendeste?

GUARDA - Vou contar-te. Logo que cheguei, ainda  
cheio do terror das tuas ameaças,  
removemos toda a terra que o cobria,  
e o deixamos nu, já todo apodrecendo.  
E, sentados numas pedras, contra o vento

para que o mau cheiro não chegasse a nós,  
cada qual mantinha alerta seu vizinho,  
e com palavrões a quem se descuidasse.  
Isso, até a hora em que arde no alto o sol a pino.  
Eis que, bruscamente, o vento em redemoinho

ergue contra o céu uma tromba de poeira,  
varre o campo, estira a coma da floresta  
e enche de destroços todo o espaço imenso.

E, de olhos fechados, todos esperamos  
que se dissipasse a cólera dos deuses.

Tudo serenado, enfim, eis que aparece  
essa moça, dando gritos estridentes  
de ave aflita, de ave que desesperada,  
soluçasse sobre o ninho despovoado.

Ante o corpo, então, despojado de terra,  
põe-se a lamentar-se; e, em brados lancinantes,  
lança maldições brutais contra os sacrílegos.  
E, com terra enxuta e uma ânfora de bronze  
temperado, alçando-a no ar, com sua mão  
verte sobre o corpo a tripla libação.

Isso vendo, nós nos atiramos a ela  
e a prendemos. Não tem medo algum de nada.  
Acusada, tudo ela confessa, tudo:

nem o crime de hoje, nem o de ontem nega.

E eu fico contente e triste ao mesmo tempo:

se é um prazer livrar-se a gente de um castigo,  
é bem duro ter que desgraçar os outros.

Mas, confesso, sou daqueles, felizmente,  
que salvando a pele, o resto pouco importa.

CRÉON - Dize, tu que aí estás, tu, de cabeça baixa:  
negas ou confessas teres feito aquilo?

ANTÍGONE - Eu confesso tudo; nada negarei.

CRÉON (Ao GUARDA) - Vai-te embora tu, vai-te aonde quiseres:  
estás livre, nada pesa sobre ti.

(*Sai o GUARDA. A ANTÍGONE*)

415

420

425

430

435

440

445

410

405

400

395

390

385



E tu, dize logo, sem quaisquer rodeios: conhecias a ordem que vedava aquilo?

ANTÍGONE - Sim. Como ignorá-la? Era público o edito.

CRÉON - Não obstante, ousaste infringir minha lei?

ANTÍGONE - Porque não foi Zeus quem a ditou, nem foi a que vive com os deuses subterrâneos

- a Justiça - quem aos homens deu tais normas.

Nem nas tuas ordens reconheço força

que a um mortal permita violar aquelas

não-escritas e intangíveis leis dos deuses.

Estas não são de hoje, ou de ontem: são de sempre;

ninguém sabe quando foram promulgadas.

A elas não há quem, por temor, me fizesse

transgredir, e então prestar contas aos Numes.

Bem sei, como não? que hei de morrer um dia

mesmo sem decreto teu; e se tornar

morta antes do tempo, então tanto melhor:

para quem, como eu, vive entre tantos males,

como não será de só proveito a morte?

Para mim, morrer não é sofrer; seria

sofrimento, sim, se eu acaso deixasse

insepulto o que nasceu de minha mãe.

Isso me doeria: o resto não importa.

Posso parecer-te uma louca, talvez:

mais louco, porém, é o que me julga louca.

CORO - De inflexível pai eis a inflexível filha: incapaz de se curvar ante a desgraça.

CRÉON - Sim, mas não te esqueças de que os mais tenazes são às vezes os primeiros a ceder.

O mais duro ferro temperado a fogo

é o que mais depressa estala e se estilhaça.

Sei de débeis freios que domaram, prontos,

indomáveis potros. Não é permitido

ser soberbo assim a que depende de outrem.

Ela já mostrou toda a sua insolência

no violar a lei previamente estatuída; e a essa vem juntar agora outra arrogância: a de se gabar e exultar do que fez.

O homem seria ela, e não eu, neste instante, se ousadia tal permanecesse impune.

Seja, embora, filha de uma irmã, ou seja

a que o lar a mim mais próxima ligou,

nem por isso as duas, ela e a irmã, escapam

à mais vil das mortes. Pois também acuso

a outra de ter sido cúmplice no crime.

Ide já buscá-la! Há pouco, em casa, a vi

toda amedrontada, inquieta, como louca.

Sempre é assim: os que na sombra tramam crimes

são os que primeiro a si mesmos se traem.

E também detesto os que, surpreendidos,

tentam enfeitar seu crime com palavras.

ANTÍGONE - Presa, que mais queres tu que a minha morte?

CRÉON - Nada mais. Tendo isso, tenho o que desejo.

ANTÍGONE - O que esperas, pois? Não há palavra tua que me agrade, ou que possa vir a agradar-me:

como tudo o que eu disser te desagrade.

Que mais nobre glória poderia eu ter

que a de dar à terra o corpo de um irmão?

Esses, que aí estão, todos me aplaudiriam

se não lhes travasse a língua a covardia.

Esta, entre outras, é a vantagem dos tiranos:

dizer e fazer tudo o que bem entendem.

CRÉON - Dos Cadmeus só tu vês as coisas assim.

ANTÍGONE - Todos vêem como eu: mas receiam-te e calam-se.

CRÉON - E não te envergonhas de ser diferente?

ANTÍGONE - Honrar um irmão não pode ser vergonha.

CRÉON - E o outro, que o matou, não era teu irmão?

ANTÍGONE - Sim, de um mesmo pai e de uma mesma mãe.

485

490

495

500

505

510

4860



CRÉON - Por que o ofendes, pois, honrando ao outro impiamente?

ANTÍGONE - Não é o que diria o que está sepultado. 515

CRÉON - Sim, se ao ímpio rendes honra igual à dele.

ANTÍGONE - Não era um escravo: era igual, era irmão.

CRÉON - Vinha contra a terra que o outro defendia.

ANTÍGONE - Pouco importa: a lei da morte iguala a todos.

CRÉON - Mas não diz que o mau tenha o prémio do justo. 520

ANTÍGONE - Não será talvez piedade isso entre os mortos?

CRÉON - Mesmo morto, nunca é amigo um inimigo.

ANTÍGONE - Não nasci para o ódio: apenas para o amor.

CRÉON - Se amar é o que queres, vai amar os mortos!  
Enquanto eu viver, mulheres não governam.

525

(ISMENE aparece)

CORO - Eis que já no umbral surge Ismene  
vertendo lágrimas de amor fraterno.

Uma nuvem de angústia turva-lhe o rubor  
do rosto lindo,  
banhando-o todo em pranto.

530

CRÉON - E tu que, sutil como a víbora, entraste  
em casa e sugaste-me o sangue! E eu, nutrindo  
duas fúrias prontas a arruinar-me o trono!  
Dize-me: também ajudaste esse enterro,  
ou me vais jurar, talvez, que ignoras tudo?

ISMENE - Se ela me permite, tomei parte igual,  
tenho a mesma culpa e respondo por ela.

535

ANTÍGONE - Não, isso a Justiça não consente: nem  
concordaste, nem te deixei intervir.

ISMENE - Mas já que te vejo assim nesta desgraça,  
glória é para mim tudo sofrer contigo.

540

ANTÍGONE - O Hades bem conhece a culpada. Eu não sei  
das amigas de palavras ser amiga.

ISMENE - Não me negues a honra de morrer contigo,  
minha irmã, honrando também eu o morto. 545

ANTÍGONE - Não hás de morrer comigo, nem tornar  
teu um ato alheio. Não: basta que eu morra.

ISMENE - Mas, sem ti, que vida poderei viver?

ANTÍGONE - Pergunta isso a Créon: dele é que cuidavas.

ISMENE - Por que me atormentas? Que prazer tens nisso? 550

ANTÍGONE - Dói-me muito rir quando é de ti que rio.

ISMENE - Mas, agora, em que é que te posso ajudar?

ANTÍGONE - Salva-te a ti mesma: é um bem que não invejo.

ISMENE - Ai de mim! Negas-me, então, a tua sorte?

ANTÍGONE - Preferiste a vida; eu preferi a morte. 555

ISMENE - Não porque eu não tenha dito o que pensava.

ANTÍGONE - Tu pensavas nuns, mas eu pensava noutros.

ISMENE - Nem por isso a nossa culpa é diferente.

ANTÍGONE - Ânimo! Estás viva, ao passo que minha alma  
já morreu: e assim pode servir aos mortos. 560

CRÉON - Digo que estão loucas essas duas: uma  
é de agora, ao passo que a outra é de nascença.

ISMENE - O bom-senso, ó Rei, mesmo vindo do berço,  
não é coisa que resista à desventura.

CRÉON - É o teu caso: estar junto aos maus para o mal. 565

ISMENE - Para que viver só, separada dela?

CRÉON - Não me fales dela: ela não mais existe.

ISMENE - Vais matar a noiva de teu próprio filho?

CRÉON - Não lhe faltam terras férteis a lavar.

ISMENE - Mas não há mulher mais digna dele que ela. 570



CRÉON - A meus filhos não darei mulheres ruins.

ANTÍGONE - Pouco faz de ti teu pai, Hémon amado!

CRÉON - Estou farto já desses teus esponsais.

CORO - Vais privar teu filho, então, de sua esposa?

CRÉON - O Hades é que me há de livrar dessas núpcias.

CORO - Está decretada, pois, a sua morte?

CRÉON - Como o dizes, digo. E basta. Conduzi-as ao palácio, escravos! E vigiai-as bem.

Não convém que tenham liberdade alguma.

Sempre os audaciosos pensam em fugir quando vêem a morte a um só passo da vida.

(Saem todos)

CORO - Felizes os que não provaram na vida a desgraça!

Aquele cujo lar abalaram os deuses, não há miséria que não corra em toda a extensão do seu sangue: tal como a vaga marinha

que, sob a fúria dos ventos

da Trácia, galopá por sobre o tétrico abismo,

e a vasa negra revolve

trazendo-a do fundo à tona

e, cuspendo-a em rajadas, estronda nas praias uivantes.

De há muito que vejo na casa dos Labdácidas

juntar-se à sua desdita a desdita dos que já morreram;

sem que uma geração redima a outra, eis que a abate

um deus irado e implacável.

Agora, aquele claro único

da última nascida, que alumia o lar de Édipo,

extingue-se a um punhado de terra cruenta

dado aos deuses inferiores,

é de palavras loucas e furioso delírio.

Teu poder, ó Zeus, que humana força

pode restringir?

Nem o sono, que a todos subjuga e amolece,

nem a divina fuga dos incansáveis

meses; insensível ao tempo, como mestre

dominas o Olimpo de cintilante esplendor.

Amanhã, no futuro,

como ontem, no passado,

valerá esta lei: nada entra

de grande na vida mortal sem sofrimento.

A esperança, que a tantos faz errar,

se para muitos é um bem,

para outros, no entanto, é miragem de vãos desejos.

Ao incauto se insinua,

até que um dia sente os pés sobre o fogo vivo.

Sabedoria é a ilustre

sentença que assim reza:

Um dia o mal parece o bem

àquele que a divindade

está levando à ruína.

Pouco tempo tem antes que a ruína o arraste.

(CRÉON entra)

Eis aí vem Hémon: dentre os teus filhos é ele

o último nascido. Vem acabrunhado

talvez pelo destino

que espera Antígone, sua jovem noiva;

ou virá chorando as já desfeitas núpcias.

(Entra HÉMON)

CRÉON - Dispenso adivinhos: logo o saberemos.

Filho, acaso vens enfurecido pela

ordem de teu pai contrária à tua noiva?

Faça o que fizer, sou teu amigo, ou não?

HÉMON - Pai, sou teu. E tu, com teus conselhos úteis,

sempre me guiaste, e eu sempre hei de segui-los.

Para mim, não há núpcia alguma que valha

a sabedoria com que me conduzes.

CRÉON - Isto, ó filho, é que há de ter sempre em teu peito:

não opor-se nunca à vontade paterna.

610

615

620

625

630

635

640